

## A DOUTRINA ORTEGUIANA DO PERSPECTIVISMO

Ronaldes de Melo e Souza\*

José Ortega y Gasset revoluciona a estrutura ontoteológica da metafísica ao conceber o perspectivismo como a verdadeira forma do conhecimento compatível com a realidade radical da vida humana. Na filosofia orteguiana, o princípio de tudo não é o ser nem deus ou a verdade pretensamente absoluta, mas a vida imediatamente vivida pelo homem inserido no horizonte móvel do tempo. A filosofia sempre investigou a origem primeira e o fim último de tudo que existe, mas jamais concebeu a vida humana como profenômeno originário. As proladadas filosofias da vida são diversas formas do saber acerca da vida, mas não o saber depreendido da própria vida. A descoberta da vida como realidade a que tudo se reporta constitui a originalidade da filosofia orteguiana, que se caracteriza como um filosofar que se aprende, e não como um sistema que se ensina. A pretensão epistemológica de conceber a vida como objeto de investigação é confutada por Ortega y Gasset com o argumento de que a vida é a força morfogenética dos valores afetivos, cognitivos e volitivos dos entes que somos.

De nada adianta empunhar a razão abstraída da vida. Abstrações podem ser pensadas, mas não vividas. Se é certo que o homem tem a possibilidade da construção de vários mundos consonantes com diversas perspectivas teóricas, religiosas e artísticas, também é verdade que esta sublime possibilidade se fundamenta na perspectiva vital. Antes de assumir perspectivas e invencionar universos plurissignificativos, a vida em si mesma é uma vasta perspectiva, que viabiliza o conhecimento do ser do homem e do mundo. A perspectiva que somos condiciona a gênese e a evolução das perspectivas que temos. Individual ou coletivamente, o homem é um ponto de vista encarnado, que lhe possibilita conhecer o mundo que o envolve. As predisposições, preferências e escolhas da vida singular, social ou histórica são disponibilizadas pela perspectiva vital, e não apenas pela perspectiva racional. Assim é que o perspectivismo vital da filosofia orteguiana é mais originário do que o perspectivismo epistemológico, que remonta a Nicolau de Cusa e se consoma na transmutação nietzschiana de todos os valores. O próprio Ortega enfatiza a originalidade da sua doutrina do ponto de vista ao advertir que o perspectivismo vital, que constitui a teoria geral de sua filosofia radicalmente revolucionária, nada tem a ver com o idealismo filosófico, sobretudo porque a perspectiva não pertence apenas ao homem que conhece a realidade, mas também à realidade que se conhece (Tomo IV, p. 390). A realidade do homem, do mundo e dos entes intramundanos somente se compreende à luz do perspectivismo vital.

---

\* Professor Associado do Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ.

Do início ao fim de sua obra, Ortega y Gasset mobiliza o vigor da experiência e o rigor da consciência a fim de compreender e tornar compreensível a originalidade de sua filosofia do perspectivismo, que se notabiliza pela descoberta do princípio da vida e pela elaboração do novíssimo conceito de razão, denominado razão vital, destinado a superar os impasses do realismo, do idealismo, do racionalismo absolutista, do relativismo cético, do positivismo e do pragmatismo. Extraordinariamente complexa, a doutrina orteguiana da razão vital como chave hermenêutica do dinamismo da vida somente paulatina e progressivamente se clarifica. Filosofar que se depreende da força propulsiva da vida, o perspectivismo orteguiano não pode ser exposto como sistema articulado indutiva ou dedutivamente, simplesmente porque induções ou deduções são atividades da razão teórica, e não da razão vital. Multiforme, heterogênea e metamórfica, a vida requer um pensamento que não se imobilize na abstração dos conceitos, mas que se dinamize na fluidez do corpo movente das imagens. A plasticidade da linguagem orteguiana é uma exigência da poeticidade da vida que somente é enquanto devém na incessante plasmação de si mesma. Somente vive quem invenciona o sentido de sua própria vida.

Desde 1902, precisamente no artigo “Glosas”, Ortega y Gasset não cessa de refutar o postulado abstrato da pretensa imparcialidade do conhecimento, alegando que a impessoalidade é um erro de perspectiva, sobretudo porque pressupõe o ato de abstrair-se da vida, sair fora de si mesmo e comportar-se como espectador alheio e estranho às vicissitudes dramáticas da existência. Inserido na carnadura concreta do corpo e do mundo, compete ao homem atuar como ator comprometido com o drama da vida. Cada ser humano tem de ser responsável pelo papel que desempenha no teatro do mundo (Tomo I, p. 13-14). Em 1910, no ensaio intitulado “Adão no Paraíso”, argumenta-se a tese de que os valores das coisas decorrem do perspectivismo vital. O sentido do fenômeno observado depende da instância do observador, bastando conferir, por exemplo, o que significa a terra para um camponês e um astrônomo. Para o camponês que a cultiva, a terra é um caminho pontilhado de sulcos lavrados pelo arado, uma messe, enfim. O astrônomo necessita determinar exatamente o lugar que o globo terrestre ocupa dentro do espaço sideral. Ao enfatizar que o ponto de vista da exatidão científica obriga o astrônomo a converter a terra em uma abstração matemática, Ortega conclui que não existe uma suposta realidade imutável. Um mesmo fenômeno, o telúrico, possui realidades diversas em conformidade com pontos de vista diferentes: “O ponto de vista cria o panorama.” (Tomo I, p. 471).

A primeira elucidação da diferença entre o perspectivismo vital e o perspectivismo epistemológico de Leibniz, Nietzsche, Vaihinger e Teichmüller se encontra no primeiro livro de Ortega y Gasset, intitulado *Meditações do Quixote*, publicado em 1914. No prólogo de suas meditações, no tom provocativo do questionamento crítico, o filósofo A originalidade do perspectivismo interpela o leitor:

Quando nos abandonaremos à convicção de que o ser definitivo do mundo não é matéria nem alma, não é coisa alguma determinada, mas, sim, uma perspectiva? Deus é a perspectiva e a hierarquia, e o pecado de Satã foi um erro de perspectiva. (Tomo I, p. 321).

orteguiano resulta do reconhecimento de que o ser definitivo do mundo é uma perspectiva, e não simplesmente coisa material ou anímica, diversamente determinada ou determinável pelas várias perspectivas teóricas da subjetividade puramente humana, que se compraz em representá-lo como objeto de conhecimento. A perspectiva pertence ao mundo, e não simplesmente ao sujeito que o conhece. Concebido como estrutura própria do mundo, o perspectivismo refuta o subjetivismo. Até mesmo o ser divino ou supradivino somente pode ser compreendido como perspectiva e hierarquia ou, na formulação precisa de Julián Marías (1970, p. 375), como integração hierárquica da infinitude de todos os pontos de vista possíveis. Ao contrário de Deus, que reconhece a diversidade qualitativa das perspectivas da verdade, Satã comete um erro de perspectiva, que consiste na exclusão de todos os pontos de vista que não se compaginam no ângulo fixo de sua mundividência estática. Ao assumir um ponto de vista pretensamente absoluto, Satã se converte no protótipo das alucinações liliputianas ou napoleônicas do intelecto voluntarioso. O absolutismo se denuncia como satanismo.

Ao reconhecer que “a perspectiva se aperfeiçoa pela multiplicação de seus termos e pela precisão com que reagimos diante de cada um de seus planos”, Ortega y Gasset inicialmente assinala que compete ao ser humano buscar para a circunstância que o envolve, “precisamente no que tem de limitação e peculiaridade, o lugar acertado na imensa perspectiva do mundo”, sobretudo porque “a reabsorção da circunstância é o destino concreto do homem.” Afirma, em seguida, que a sua “saída natural para o universo abre-se pelos desfiladeiros de Guadarrama ou o campo de Ontígola”, acrescentando que o mencionado setor da realidade circunstante forma a outra metade da sua pessoa (Tomo I, p. 321-322). Enfim, valendo-se da formulação lapidar, que constitui o filosofema fundamental do perspectivismo vital, enuncia a súpula da nova forma de conhecimento do homem e do mundo:

Eu sou eu e minha circunstância, e se não a salvo não me salvo. (Tomo I, p. 322)

A pessoa, a vida que sou, não é, como pretende o idealismo, o sujeito enclausurado no espaço monádico da subjetividade nem, como supõe o determinismo, um vivente condicionado pelo meio ambiente. Não sou um eu subjetivamente abstraído do mundo circundante nem um eu intramundano, objetivamente determinado pela circunstância. No filosofema orteguiano, a pessoa ou vida humana se caracteriza não apenas como o eu, mas também como a realidade que o envolve. Eu sou = eu e minha circunstância. Não há um eu que eventualmente se encontra numa circunstância. Não sou um eu que flutua suspenso no páramo empíreo das idealizações da consciência abstraída da concretude da vida imediatamente vivida. Ao eu pertence essencialmente uma circunstância. Também não sou apenas inserido numa determinada circunstancialidade. Para integrar o meu eu, a circunstância tem de ser minha. O possessivo não significa mera localização, mas, sim, interação com a realidade circundante. Em sua forma radicalmente circunstancial, o eu somente existe, porque coexiste com o mundo

e com os entes intramundanos. Em cada momento, tem de se haver com as condições favoráveis ou adversas de sua circunstância vital. O eu não assume o seu próprio sentido se não se atualiza numa perspectiva peculiar, que lhe permite interagir com a imensa perspectiva do mundo. Vitalmente concebido, o eu somente se põe quando se compõe com a sua circunstância.

O ensaio de 1916, intitulado “Perspectiva e Verdade” (Tomo II, p. 15-23), constitui a sùmula didática da originalidade do perspectivismo orteguiano, que se condensa nos seguintes passos e trâmites exegéticos. Inicialmente, Ortega y Gasset adverte que sempre buscou “a pura verdade, o que as coisas são por si mesmas”, e que o seu filosofar circunstancial tem por origem primeira e por fim último o compromisso de corresponder à “pura reflexão do ser das coisas”. O filósofo se define como espectador contemplativo, amorosamente sintonizado com o mundo circundante, porque se compraz em “perseguir a estrutura sutil e complexa da fisionomia dos objetos”. Interessa-lhe contemplar o espetáculo da vida que deflui diante de si. Acrescenta, em seguida, que o perspectivismo vital do contemplador da realidade circunstante se diferencia radicalmente do racionalismo e do ceticismo, sobretudo porque os racionalistas e os céticos partem do pressuposto de que o ponto de vista individual não se legitima como verdade. O racionalismo somente admite a verdade abstraída da singularidade dos indivíduos, e o ceticismo conclui que a existência dos pontos de vista individuais inviabiliza a verdade. O raciovitalismo orteguiano rejeita a verdade abstraída do ponto de vista individual do racionalismo e o ponto de vista destituído de verdade do ceticismo com o argumento de que somente do ponto de vista individual o mundo pode ser contemplado em sua verdade. Enfim, Ortega y Gasset acentua que a realidade, precisamente por se encontrar fora de nossas mentes individuais, somente pode chegar até cada um de nós, “multiplicando-se numa fisionomia multifacetada” (Tomo II, p. 15-18).

A fim de reforçar a tese de que perspectiva e verdade mutuamente se implicam, o filósofo raciovitalista afirma que, situado no Escorial, consegue ver o curvilíneo braço ciclópico que a montanha de Guadarrama estende na direção de Madri. Alega que o homem de Segóvia contempla a vertente oposta da mesma cordilheira e, no tom irônico do desafio crítico, conclui que não teria sentido discutir acerca de qual das duas visões seria verdadeira. As duas visões são igualmente verdadeiras, precisamente porque se distinguem. A pupila do espectador segoviano e a do contemplador orteguiano somente coincidiriam se a serra materna fosse uma abstração. Em sua concretude, a realidade somente pode ser vista do ponto de vista que compete a cada ser humano assumir diante do universo. O ponto de vista e a realidade são correlativos, “e como não se pode inventar a realidade, também não se pode fingir o ponto de vista”. A doação da verdade real, que se dirige a cada indivíduo, reparte-se nas vertentes inumeráveis ou nas incontáveis facetas. Ao invés de se abandonar “à eterna sedução de trocar a sua retina por outra imaginária”, o ser humano deve manter-se fiel ao seu ponto de vista a fim de poder ver “um aspecto real do mundo”:

... cada homem tem uma missão de verdade. Onde está minha pupila não está outra, e o que da realidade vê a minha pupila não o vê outra. Somos insubstituíveis, somos necessários. (...) Cada raça dentro da humanidade, dentro de cada raça cada indivíduo é um órgão perceptivo diferente de todos os demais, que atua como um tentáculo que apreende aspectos do universo que, para os outros, são inapreensíveis.

A realidade se oferece, portanto, em perspectivas individuais. O que para um está no último plano, encontra-se no primeiro para outro. A paisagem ordena suas grandezas e distâncias de acordo com a nossa retina, e o nosso coração reparte os acentos valorativos. A perspectiva visual e a intelectual se complexificam com a perspectiva axiológica. Ao invés da disputa, integremos nossas visões na generosa colaboração espiritual, e como as ribeiras independentes se unem no veio grandioso do rio, entreguem-nos a compor a torrente do real.

O jorro luminoso da existência passa rápido. Compete-nos interceptar a sua marcha com o prisma sensível de nossa personalidade (Tomo II, p. 19).

A cada perspectiva individual corresponde um aspecto real do mundo circundante. Na elucidação crítica de Antonio Rodríguez Huéscar (1966, p. 100-105), que se distingue como devotado estudioso da filosofia orteguiana, a estrutura elementar da perspectiva visual se articula mediante cinco requisitos: 1º) alguém que mira desde um ponto em uma direção (ponto de vista); 2º) algo visto pelo mirar; 3º) o visto se ordena em diferentes distâncias do ponto de vista, ocupando diversos planos (ordenação em profundidade); 4º) o que se vê apresenta-se necessariamente hierarquizado num primeiro plano, num plano último e numa série de planos intermediários; 5º) o visto, em cada caso, determina-se exatamente pelo ponto de vista, de tal modo que a cada ponto de vista corresponde somente um aspecto, e cada aspecto somente pode ser visto de um ponto de vista determinado. O visto e o ponto de vista se correlacionam biunivocamente.

Convém assinalar que o perspectivismo orteguiano não define o ponto de vista apenas pelo lugar que ocupa o olho e pela direção do olhar, mas também pela singularidade vital do sujeito que olha. Na concepção orteguiana do ponto de vista, o pendore valorativo se associa ao fator espacial. Situados sucessiva ou simultaneamente no mesmo lugar e mirando na mesma direção um mesmo objeto, dois indivíduos não veem a mesma coisa, porque são diferentes as perspectivas axiológicas que lhes condicionam a visão. Diante da mesma paisagem não veem o mesmo cenário, porque os seus interesses são diversos. Movido pela tendência do coração, cada um concentra a sua atenção no que lhe interessa. Segundo Ortega y Gasset, as constelações íntimas das preferências vitais configuram os valores cordiais dos seres humanos e, conseqüentemente, predefinem a correlação do ato de ver com o fenômeno visto. A visão supõe uma previsão determinada pela situação vital do indivíduo. A perspectiva vital complexifica a perspectiva visual.

Além do lugar do olho, da direção do olhar e da singularidade do vidente, o ponto de vista se diversifica em um mesmo indivíduo. Localizado no mesmo sítio, mirando o mesmo objeto e sem mover a pupila, ele não o vê com exatidão em dois momentos sucessivos, porque a sua atenção sofre deslocamentos instantâneos, que re-

sultam, não só do seu dinamismo vital, mas também da coisa vista, que se manifesta numa riqueza inesgotável de aspectos. A sua visão é regida pela dialética vital da atenção e desatenção. Ao fixar os olhos em determinado aspecto, os demais são desatendidos. Para se aperceber da multiplicidade aspectual do fenómeno coisal, o olhar atento transita de um aspecto a outro, e a perspectiva se mobiliza, torna-se movente. A diversidade dos aspectos da coisa vista e a perspectiva móvel do indivíduo que a vê reciprocamente se correspondem. Não há, portanto, uma perspectiva puramente visual, a não ser que a concebamos como mera abstração, como algo que não tem efetiva realidade. No mundo da vida, toda perspectiva visual insere-se na interpenetração dinâmica da perspectiva espacial e da perspectiva vital.

No livro de 1923, *O tema de nosso tempo*, precisamente em seu último capítulo, intitulado “A doutrina do ponto de vista” (Tomo III, p. 197-203), Ortega y Gasset retoma e aprofunda a tese revolucionária de que a perspectiva constitui a única via de acesso à verdade. O pressuposto racionalista e relativista de que a limitação do conhecimento prodigalizado pela perspectiva deforma a realidade e inviabiliza a posse do verdadeiro saber se contesta com o argumento de que a perspectiva articula a estrutura em que possível se torna o conhecimento da verdadeira realidade do mundo da vida. De acordo com o raciovitalismo orteguiano, a verdade da perspectiva ou a perspectiva da verdade se reconhece quando se verifica que o domínio da razão vital suplanta o império da razão pura. A verdade da vida é vivenciada, e não simplesmente pensada. Vivenciar significa assumir uma perspectiva a fim de recepcionar a torrente do real, conforme se comprova pelo desempenho do filtro diante do curso de água. Ao interceptar uma correnteza com uma peneira ou rede, deixando passar algumas coisas e detendo outras, o sujeito não as deforma, mas, sim, realiza a função vital de selecioná-las. O desempenho seletivo diante da realidade cósmica constitui a missão do homem que não se abstrai de sua circunstância vital. Da infinitude dos elementos que integram o mundo circundante, o aparato receptor do indivíduo funciona como malha que consegue captar algumas coisas, deixando as demais desapercibidas ou ignoradas:

Um exemplo elementar e puramente fisiológico se encontra na visão e na audição. O aparato ocular e o auditivo da espécie humana recebem ondas vibratórias desde certa velocidade mínima até certa velocidade máxima. As cores e os sons que permanecem além ou aquém de ambos limites lhes são desconhecidos. A sua estrutura vital, portanto, influi na recepção da realidade, mas não se deve dizer que a sua influência ou intervenção traz consigo uma deformação. Um repertório amplo de cores e sons reais, perfeitamente reais, chega ao seu interior (Tomo III, p. 198)

A doutrina orteguiana do ponto de vista sublinha que o que ocorre com as cores e os sons também acontece com as verdades. A estrutura psíquica de cada indivíduo lhe permite compreender algumas verdades, ao mesmo tempo que o condena à cegueira para outras. Cada povo e cada época possuem uma alma típica, que lhes faculta rigorosa afinidade com certas verdades e inaptidão incorrigível com respeito a outras verdades. Todos os povos e todas as épocas usufruem “sua cônica porção de verdade”, e

nenhum povo ou época alguma tem o direito de arvorar-se no detentor ou guardiã da verdade pretensamente superior ou única. Pontos de vista distintos criam panoramas e cenários de desempenhos diversos. Ao envolver a vida humana, a realidade cósmica somente se apreende sob determinada perspectiva. Não existe propriamente o ponto de vista ubíquo e absoluto. Não se nega a utilidade instrumental do ponto de vista abstrato para o exercício do conhecimento pragmático. Não se pode esquecer, no entanto, que o ponto de vista abstrato proporciona simulacros inteligíveis ou abstrações, mas não prodigaliza a visão do real, que se nos apresenta sempre perspectivamente. A idealidade se mantém imutável, mas uma realidade que continuasse idêntica a si mesma ao ser vista de vários ângulos seria um conceito absurdo:

*A perspectiva é um dos componentes da realidade. Longe de ser sua deformação, é sua organização. (Tomo III, p. 199, grifo textual).*

Argumenta-se que a divergência do mundo de dois sujeitos não implica a falsidade de um ou outro. O que um percebe se distingue da percepção do outro, porque o visto por ambos é uma realidade vital, e não uma abstração. Ao divergirem no confronto com a realidade que os circunda, não se contradizem, mas se complementam. O indivíduo, seja pessoa, povo ou época, possui um órgão insubstituível para a conquista da verdade. O erro inveterado consiste na suposição de que a realidade, independentemente do ponto de vista, possui uma fisionomia própria. No entanto, o pressuposto de que a realidade vista de um ponto determinado perde o seu estatuto verdadeiro revela-se falso, sobretudo porque a realidade se revela nas infinitas perspectivas, e todas elas são igualmente verídicas e autênticas. Perspectiva falsa é a que pretende ser única: “o falso é a utopia, a verdade não localizada, vista de lugar nenhum” (Tomo III, p. 200, grifo do texto). O racionalismo se denuncia como a forma suprema da utopia. Enlevado pelo conhecimento utópico, que o induz a desertar de seu posto, o racionalista é quem mais erra, porque não se mantém fiel ao seu ponto de vista.

A doutrina orteguiana do ponto de vista requer uma reforma radical da filosofia. O discurso filosófico sempre se deixou seduzir pela miragem utópica de um sistema válido para todos os tempos e para todos os homens. Ao se evadir da dimensão vital, histórica e perspectivada do conhecimento, a razão pura empenha-se na construção sistemática de mundos puramente inteligíveis e se esquece de que a razão vital constitui a fonte de todos os pontos de vista, inclusive dos abstratos. Necessário se torna, portanto, reconhecer o ditame da nova filosofia raciovitalista, segundo o qual a supremacia da razão pura deve ser substituída pela primazia da razão vital (Tomo III, p. 201). Ao suplantarem as alternativas falsas do racionalismo desvitalizado e do vitalismo irracional, o raciovitalismo ironiza a ilusão das filosofias pretéritas, que se patenteiam na pretensão de se descobrir toda a verdade através de fórmulas inalteráveis, de se conseguir o acesso seguro a um mundo concluso, definido, definitivo, destituído de problemas. A ironia se justifica, porque a construção racional do mun-

do mediante esquemas de inteligibilidade decorre de uma projeção dos filósofos. O mundo mentalmente construído não se compagina com o mundo em que efetivamente vivemos e somos.

Reduzido ao esquema da razão pura ou racionalmente esquematizado, o mundo se desrealiza, converte-se na idealidade metafísica, torna-se homogêneo, imutável e eterno, proporcionando a coincidência de todos os pontos de vista abstratos. A realidade do mundo da vida, porém, manifesta-se em perspectiva e, por isso mesmo, solicita que cada indivíduo assuma o seu ponto de vista a fim de integrá-lo com os demais. A torrente multiforme do real somente pode ser recepcionada pela multiplicidade dos pontos de vista. A realidade verdadeiramente integral somente paulatina e progressivamente se obtém quando o visto por um sujeito se articula com o que os outros veem. Na integração hierárquica das perspectivas, “cada indivíduo é um ponto de vista essencial”. O próprio Deus, a quem se atribui a soma de todas as perspectivas individuais, é um ponto de vista, não porque possui um miradouro que transcende a experiência propriamente humana e o torna capaz de ver diretamente a realidade universal. O ponto de vista de Deus somente seria absoluto se ele fosse “um velho racionalista”. Alheio e estranho ao racionalismo, Deus harmoniza o mundo multiperspectivado dos seres humanos e se caracteriza como símbolo do inesgotável ser que somente é enquanto devém. Eterno ser, e não ser eterno, “Deus vê as coisas através dos homens”. As perspectivas humanas se legitimam como verdades irredutíveis, porque são “órgãos visuais da divindade” (Tomo III, p. 202-203):

Deus não é racionalista. Seu ponto de vista é o de cada um de nós; *nossa verdade parcial é também verdade para Deus*. A nossa perspectiva é verídica, e autêntica, a nossa realidade! (Tomo III, p. 202)

Mais do que título do livro, *O tema do nosso tempo* designa o ditame fundamental da substituição da razão pura pela razão vital. No apêndice denominado “O sentido histórico da teoria de Einstein” (Tomo III, p. 131-142), Ortega y Gasset entusiasticamente assinala que a teoria da relatividade corrobora a sua filosofia raciovitalista, concebida e elaborada desde o início de sua obra. A revolução radical a que Einstein submete o racionalismo físico-matemático constitui um evento auspicioso, que confirma o sentido revolucionário e a atualidade histórica do pensamento orteguiano. Em contraposição a Galileu e Newton, a teoria da relatividade não reconhece o tempo, o espaço e o movimento absolutos. Na física clássica, o relativismo do conhecimento resulta das determinações limitadas do saber humano em relação à realidade absoluta. Ao refutar o absolutismo do real, a ciência inaugurada por Einstein simultaneamente confuta o relativismo. Se não existe o absoluto, o relativo não subsiste. Na teoria da relatividade, não há duas realidades contrapostas, uma positivamente absoluta e outra negativamente relativa, mas apenas uma, que o físico descreve ao assumir um ponto de vista determinado. A realidade se diz relativa ao sujeito que a conhece, e não com respeito ao pretensão absoluto.

Ao negar a realidade absoluta, a teoria da relatividade reconhece que a realidade verdadeira é relativa ao sujeito do conhecimento. As leis físicas revelam-se verdadeiras em conformidade com o sistema de referência ou lugar de observação do cientista. Não há observado sem instância de observação. O que se observa, no entanto, não pode ser extraído do esquematismo *a priori* da subjetividade, como pretendem os racionalistas, mas apreendido da realidade que se conhece. O perspectivismo não se confunde com o subjetivismo. Na visão orteguiana, o racionalista pretende ser o centro do mundo que o circunda e, por isso mesmo, dever ser denunciado como provinciano. Ao contrário da autossuficiência cômica do homem da província, que reduz o mundo à sua própria pauta, o pensador cosmopolita bem sabe que a sua cidade representa apenas um ponto do cosmos. Educado na forma perspectivada do conhecimento, o ser humano se dá conta de que no mundo não há centro privilegiado. Ao invés da inflexão inercial do sujeito confinado em si mesmo, compete ao homem confrontar-se com a perspectiva peculiar que a realidade lhe oferece quando mirada de determinado ponto de vista:

A teoria de Einstein revelou que a ciência moderna em sua disciplina exemplar, a *nuova scienza* de Galileu, a gloriosa física do Ocidente, padecia de provincianismo. A geometria euclidiana, que só se aplica ao que é próximo, era projetada sobre o universo. Em nossos dias, a Alemanha passou a chamar o sistema euclidiano de “geometria do próximo” em oposição a outros axiomas que, como o de Riemann, são geometrias de longo alcance. (Tomo III, p. 234-235).

Ortega y Gasset elogia a clarividência de Einstein, que se patentiza na aceitação do limite circunscrito pela perspectiva como condição de possibilidade do conhecimento. Ao admitir que apenas conhecemos as extensões que medimos e que só podemos medir com os nossos instrumentos, que atuam como nosso órgão de visão científica, a teoria da relatividade rejeita a geometria provinciana, que se compraz no discurso megalomaniaco do espaço absoluto. O aparato científico de medida condiciona a estrutura espacial do mundo que conhecemos. Situado no orbe terrestre ou domiciliado na grande estrela da constelação da Ursa Maior, o cientista contempla aspectos diversos da realidade. De acordo com a teoria da relatividade, o evento A precede no tempo o sucesso B quando mirado do ponto de vista terrestre, mas A aparece sucedendo B quando contemplado da perspectiva de quem se encontra no rincão estelar. Nenhuma das duas visões deforma o real, principalmente porque uma das qualidades próprias da realidade consiste em ter uma perspectiva. A realidade se manifesta perspectivada ou organizada de modo diverso para ser vista de um ponto ou outro do universo. Espaço e tempo variam em consonância com o ponto de vista, porque são ingredientes objetivos da perspectiva.

Ao abarcar toda a realidade, e não apenas a conhecida pela teoria da relatividade, a doutrina orteguiana do ponto de vista possui uma amplitude que transcende a física de Einstein. Determinada pela razão vital, a perspectiva se caracteriza como a ordem e

a forma que a realidade assume para quem a contempla. Reconhecer que a perspectiva se modifica quando o contemplador muda de lugar não significa admitir que o subjetivismo e o perspectivismo são equivalentes. Certamente não há uma perspectiva sem um sujeito que a contemple, mas nem por isso se pode concluir que a perspectiva é subjetiva. A fim de descartar a subjetivação da perspectiva, Ortega y Gasset alega que ao se confrontar com o sujeito que a contempla, “a realidade responde, *aparecendo-lhe*”. A aparência é “uma qualidade objetiva do real, é a sua resposta a um sujeito” (Tomo III, p. 236, grifo textual). Em conformidade com a condição ou situação do contemplador, a resposta da realidade se diferencia. Na filosofia orteguiana, a perspectiva adquire um valor objetivo. Assim compreendida pelo raciovitalismo, a perspectiva nada tem a ver com o perspectivismo epistemológico, que sempre a concebe como deformação que o sujeito impõe à realidade. Os pontos de vista seriam deformadores ou meramente subjetivos se houvesse uma perspectiva excepcional, capaz de uma congruência superior com as coisas. Ao contrário do que supõe a tradição racionalista da filosofia e da ciência, a perspectiva absoluta não existe:

A teoria de Einstein é uma maravilhosa justificação da multiplicidade harmônica de todos os pontos de vista. Basta ampliar-se esta ideia à moral e ao estético e ter-se-á uma nova maneira de sentir a história e a vida.

Para conquistar o máximo possível de verdade, o indivíduo não deverá, como se predicou durante séculos, suplantar o seu espontâneo ponto de vista por outro exemplar e normativo, costumeiramente chamado de visão das coisas *sub specie aeternitatis*. O ponto de vista da eternidade é cego, não vê nada, não existe. O indivíduo há de procurar ser fiel ao imperativo unipessoal que representa a sua individualidade.

O mesmo acontece com os povos. Ao invés de considerar bárbaras as culturas não europeias, devemos começar a respeitá-las como estilos de interação com o cosmos equivalentes ao nosso. Há uma perspectiva chinesa tão justificada quanto a perspectiva ocidental. (Tomo III, p. 237)

Ortega y Gasset exalta finalmente o alcance revolucionário da teoria da relatividade, que se atesta na ousadia com que Einstein se contrapõe à forma do pensamento utópico, que pretende apreender o sentido do real, pairando suspenso no páramo empíreo de lugar nenhum. Ao se aperceber de que no espetáculo cósmico não há espectador sem localidade determinada, o cientista alemão confirma o perspectivismo vital do filósofo espanhol. Ambos renegam a propensão utópica, que remonta aos pensadores gregos e predomina na mente europeia durante toda a idade moderna. A convicção de que o ideal suplanta o real singulariza o temperamento racionalista e se revela impregnada de uma fé tão dogmática que, ao se deparar com a resistência do real, o pensador subjugado pelo racionalismo se justifica com a desculpa de que, no momento, a ideia não pode realizar-se, mas que será efetivada em “um processo infinito”. Desafiada pelo real que não se submete ao embate do ideal, a utopia do racionalista se refugia na ucronia. Convencido de que a obtenção do saber não pode ser remetido para as calendas gregas, Ortega y Gasset acolhe o pensamento de Einstein como fecundo horizonte

cognitivo, que descerra a possibilidade da superação da “beataria científica”, que não se farta de render culto idolátrico à razão pura. Na teoria da relatividade, a idealidade da geometria deve ceder a primazia à observação da realidade. Quando a lei geométrica, que proclama a inalterável homogeneidade do espaço, entra em conflito com a observação, com o fato, com a matéria, Einstein prontamente reconhece que o espaço puro tem de se inclinar perante a observação, tem de encurvar-se:

Galileu e Newton tornaram euclidiano o universo, simplesmente porque assim o exigia a razão. No entanto, a razão pura não pode fazer outra coisa, senão inventar sistemas de ordenação. Estes podem ser bem numerosos e diferentes. A geometria euclidiana é um, e outro o de Riemann, o de Lobatchewski, etc. Mas claro está que não são eles, que não é a razão pura quem decide como é o real. Pelo contrário, a realidade seleciona entre os esquemas das ordenações possíveis o que mais condiz consigo mesma. Eis o que significa a teoria da relatividade. (Tomo II, p. 241)

Da doutrina orteguiana da perspectiva da verdade ou da verdade da perspectiva resulta a compreensão da estrutura própria do mundo da vida, conforme se verifica no terceiro capítulo, intitulado “Estrutura de ‘nosso’ mundo”, que integra *O homem e a gente*, livro em que se compendiam cursos de 1948 a 1950, ministrados pelo filósofo no Instituto de Humanidades. Na análise meticulosa e na interpretação judiciosa do referido capítulo, Antonio Rodríguez Huéscar (1966, p. 385-391) enalça os passos de Ortega y Gasset ao reconhecer que o travejamento estrutural do mundo da vida decore da correlação de quatro leis: 1º) Lei da presença e da latência; 2º) Lei do horizonte; 3º) Lei da perspectiva e 4º) Lei dos campos pragmáticos. A primeira lei enuncia que o mundo vital se compõe de poucas coisas no momento presente e inumeráveis outras, que permanecem latentes, que são pressentidas, mas não vistas. Uma mesma coisa se nos apresenta em seus variados aspectos, jamais se deixando ver inteiramente. A segunda lei assegura que o mundo em que vivemos possui dois termos: a coisa ou coisas que vemos com atenção e um fundo sobre o qual aquelas se destacam. As coisas atendidas são como um promontório de realidade que o mundo nos oferece, e o fundo desatendido, que é o horizonte, atua como um âmbito em que as coisas nos aparecem. O horizonte não se compreende apenas como limite do mundo patente, mas também como o limiar do transmundo latente. A estrutura complexa do mundo da vida se articula, portanto, em três planos: o primeiro é a coisa em que concentramos a nossa atenção, o segundo se revela como o horizonte, que se nos apresenta não só como delimitante do que se vê, mas também como limiar do que não se vê. O horizonte se notabiliza como conjunção disjuntiva ou disjunção conjuntiva do mundo patente e do transmundo latente. A terceira lei estrutural diz que o mundo é uma perspectiva, sobretudo devido ao nosso corpo. Só através do corpo relaciona-se o homem com a realidade que o circunda e, por isso, o mundo patente se compõe de coisas que são corpos. Nosso corpo faz com que sejam corpos todos os demais, inclusive o mundo. O tato do corpo condiciona o contato com o mundo. A quarta lei reparte o mundo em campos pragmáticos ou pequenos mundos particulares, em que as coisas se ordenam em diver-

sas formas de serventia, como o mundo da guerra, da caça, dos negócios, da festa, etc. Ao fim e ao cabo, impõe-se o reconhecimento de que as quatro leis estruturais se referem à concepção orteguiana da verdade da perspectiva ou da perspectiva da verdade.

Último plano do mundo da vida, o horizonte sempre fascinou Ortega y Gasset. Desde 1910, o filósofo não cessa de se perguntar pelo sentido da “magnífica e rotunda linha da ampla visão” (Tomo I, p. 137). Fronteira movente do mundo patente e do mundo latente, o horizonte constitui “o mistério rítmico do universo”, que se articula na interação da luz e da sombra, do desvelado e do velado, do real e do virtual. Aquém e além do horizonte, o mundo não é apenas realidade material, mas também imaginária espiritualidade. O que se chama matéria “pode alcançar uma vibração rítmica”, conforme se observa no músculo que chega por si mesmo à dança, a garganta ao canto, o coração ao amor, os lábios ao sorriso, o cérebro à ideia (Tomo II, p. 53). O horizonte do mundo ensina ao homem que “o mais frequente erro de perspectiva consiste em projetar tudo sobre o plano do real”, sobretudo porque ignora que “uma das dimensões do mundo é a virtualidade” (Tomo II, p. 140). Ao se manifestar como estrutura de determinação e abertura de indeterminação, o horizonte se configura como símbolo dinâmico da transcendência imanente à existência genuinamente humana. Na visão orteguiana, a vida verdadeiramente vivida não deve ater-se ao mundo patente nem transportar-se para o transmundo latente. O agnóstico que se confina no mundo aquém do horizonte comete o mesmo erro do gnóstico que se transporta para o mundo além do horizonte. Ambos se furtam ao cumprimento da lei da perspectiva vital:

... a paisagem agnóstica não possui termos últimos. Nela, tudo é primeiro plano e, assim, descumpra a lei elementar da perspectiva. É uma paisagem de míope e um panorama mutilado. (...)

A paisagem gnóstica inverte a do “positivista”. Compõe-se unicamente de termos últimos, não tem plano imediato; é, por essência, um “outro” mundo. (...)

Diante destas duas preferências antagônicas e igualmente exclusivas, convém fixar a atenção na linha intermediária, que é precisamente a que delinea a fronteira entre um e outro mundo. (Tomo II, p. 487-488)

Singularizado como o ser que reside na fronteira do mundo patente e do mundo latente, o homem suplanta o dualismo antagônico do corpóreo e do anímico e aprende a viver no duplo domínio da realidade material e espiritual. Com o deliberado propósito de converter a oposição antagônica do corpo e da alma na oposição harmônica do corpo da alma e da alma do corpo, Ortega y Gasset declara-se disposto a escrever um estudo sobre o amor, intitulado *De Beatriz a Francesca, ensaio descendente*. A lição essencial do ensaio erótico (Tomo III, p. 334-336) consiste na religação da Beatriz espiritual e da Francesca carnal, que Dante concebe como duas mulheres irreconciliáveis. O filósofo recorda que as duas maiores viagens empreendidas para se recuperar a amada percorrem itinerários contrapostos. Dante realiza o movimento ascensional a fim de encontrar Beatriz no Empíreo, mas Orfeu desce ao Inferno para resgatar Eurídice. Confessa que considera parcial e insuficiente a excursão de Dante. O roteiro sentimen-

tal do poeta florentino permanece no meio do caminho. Ao descobrir a emoção espiritual que o induz a galgar os céus, o poeta deveria perfazer o trajeto numa descida que viabilizasse a integração de Beatriz em seu próprio corpo. Ao contrário do que supõe o puritanismo religioso e metafísico, o corporal e o espiritual não podem ser separados, sobretudo porque o corpo é a realidade do espírito: “O corpo vivo é carne, e a carne é sensibilidade e expressão” (Tomo III, p. 335). Uma mão, um rosto, os lábios são acenantes mensageiros dos refolhos da alma. O corporal manifesta a intimidade anímica. A corporeidade “é santa, porque tem uma missão transcendente: simbolizar o espírito” (Tomo III, p. 336):

Eu creio que esta integração do sentimento, este ensaio de fundir a alma com a carne é a missão de nossa época. (Tomo III, p. 335)

A separação do sensível e do inteligível, da matéria e do espírito, do corpo e da alma não corresponde à vida propriamente humana. O dualismo psicofísico, a que se reporta o corpo sem alma ou a alma sem corpo, decorre de uma anomalia esquizofrênica, que deve ser curada com o reconhecimento do sentido do corpo. Quando nos deparamos com um ser humano, não vemos apenas um corpo, porque a visão física de sua forma não se distingue da percepção psíquica de sua interioridade anímica: “Carne é constitutiva e essencialmente corpo físico carregado de eletricidade psíquica” (Tomo V, p. 610). Ponto de vista encarnado no horizonte do mundo, o homem fiel a si mesmo realiza a missão de assumir uma religiosidade laica, que lhe permite religar a materialidade e a espiritualidade. Na religião ou religação do corpo e da alma, sugerida pelo mistério do horizonte, a matéria e o espírito são o anverso e o reverso da vida que se devota à hierofanização do sensível. O corpo constitui o vínculo nupcial do homem e do mundo em que efetivamente vivemos.

Somente no corpo e pelo corpo percebemos aspectos do mundo correspondentes a determinadas perspectivas. O corpo se interpõe diante do universo como retículo que seleciona por meio dos sentidos o imenso e variegado conjunto de objetos que integram o mundo. O que ocorre com a chamada percepção externa também se verifica na percepção íntima. Em cada momento, apenas percebemos de nosso eu um pequeno decurso de pensamentos, imagens e emoções que defluem como um rio diante da mirada interior. Na pequena porção de nossa personalidade subage a confluência de um eu total, que permanece latente. A latência da força vital suplanta a patência da forma perceptiva. Não basta estudar psicologicamente o desempenho do corpo na percepção externa. A psicologia não se dá conta de que o corpo possui uma sensibilidade interna muito mais rica e complexa do que a externa. O repertório inumerável das sensações musculares e de movimento, os contatos internos, as pressões sanguíneas das veias, artérias e vasos, a dor e o prazer orgânicos, as delicadas impressões nas entranhas dos órgãos profundos e as correntes sutilíssimas da secreção interna atestam a função seletiva da sensibilidade intracorporal. As pulsações vitais dos “estados sensíveis

intracorporais”, que se modificam continuamente, acompanham a vida de cada um dos seres humanos desde o nascimento e compõem “o teclado maravilhoso” em que repercute a percepção que temos de nós mesmos:

Assim como os sentidos exteriores são o aparato seletivo, o retículo que em cada caso detém e deixa passar os objetos do mundo exterior, a sensibilidade intracorporal realça ou omite nossos estados íntimos, induzindo-nos a perceber agora estes, e não outros, e logo outros, e não estes. (Tomo VI, p. 160)

Ortega y Gasset considera estranho o fato de os psicólogos não advertirem que a sensibilidade intracorporal permite determinar uma das diferenças essenciais entre o homem e a mulher. De acordo com o filósofo do perspectivismo vital (Tomo VI, p. 161-163), o corpo feminino se revela dotado de um estado sensível interno bem mais sutilmente estruturado do que o corpo masculino. A hiperestesia das sensações orgânicas da mulher comprova que ela se intimiza perfeitamente com o seu corpo. Diante da plenitude da mulher inserida de corpo e alma em sua circunstância vital, as sensações intracorporais dos homens se apresentam vagas e surdas. Sintonizada com as entranhas, a mulher sente continuamente o seu corpo interposto entre o mundo e o seu próprio eu. Na disposição harmoniosa da existência feminina, a vida psíquica se funde com o corpo, a alma se torna corporal, e o corpo se espiritualiza. Transido de alma, o corpo feminino convive mais intensamente com o espírito do que o corpo varonil. A sutileza da contextura psicofísica da mulher se manifesta na sua arte de amar, que nada tem a ver com a tendência masculina de conceber o amor sublimado no impulso ascensional do êxtase platônico ou degradado na inércia compulsiva do prazer sensual. A dualidade psicofísica do puritanismo religioso, preconizada pela sociedade patriarcal, institui a esquizofrenia cultural, que descaracteriza a mulher, na medida em que a concebe como santa ou puta:

... o homem oscilou sempre entre os extremos contrapolares do amor carnal e do amor místico, entre o sensualismo e o platonismo.

Ambos, porém, costumam suscitar a repugnância da mulher. (Tomo VI, p. 163)

Ponto de vista encarnado no horizonte do mundo, o homem se realiza no intercâmbio com a sua circunstância. A estrutura de determinação e a abertura de indeterminação da vida humana são condições de possibilidade que necessitam ser atualizadas por cada um dos seres humanos. O indivíduo, o vivente, somente assume o seu próprio destino quando adota uma perspectiva particular, que o singulariza. A necessidade da singularização vital se compreende quando se verifica que a vida é um *faciendum*, e não um *factum*. Temos que invencionar o personagem que desejamos ser, sobretudo porque não possuímos uma natureza prefixada, como a pedra, por exemplo. O que somos depende do que fazemos com a nossa vida. Viver significa viver-se. Vivemos quando descobrimos o nosso ser e o mundo que nos circunda. A vivência do homem supõe a convivência com o mundo. O sentido da vida de cada um depende da intera-

ção do pendor pessoal e da circunstância vital. Na carnadura concreta do corpo, convivemos com o mundo, que nos oferece facilidades e adversidades. Diante dos problemas que nos desafiam, não nos resta outra alternativa, senão resolvê-los. Irrealizados, frustrados e ressentidos permanecem os que se entregam à potência imanentizadora da propulsão transcendente da vida. A inflexão inercial da inautenticidade existencial constitui o sintoma da enfermidade vital. A vida se nos impõe como o drama que nos cumpre protagonizar. Longe de ser imposição fatal, o destino se define como eleição pessoal.

O atributo essencial e dramático da vida nos obriga a tomar decisões inumeráveis diante de cada uma das situações problemáticas que se nos deparam. Os problemas que determinam a dramaticidade da existência individual nunca são inteiramente resolvidos, e não podemos transferir nenhuma resolução para outro indivíduo. A realidade vital de cada um se revela intransferível. Nos caminhos e descaminhos da vida, temos de nos haver com o nosso próprio repertório vital. A vida que vivemos não se nos apresenta pronta e acabada. A cada instante, temos que realizá-la por nossa conta e risco. Viver quer dizer decidir o que vamos ser. Somos precursores de nosso ser porvindouro. No sério jogo do drama vital, cada ato constitui um lance decisivo, que compõe a tessitura sutil do destino que nos compete assumir. Na elucidação orteguiana, o mais trágico da vida se associa ao mais glorioso, na medida em que a necessidade da eleição do próprio ser confere ao homem o exercício da liberdade:

Em face da fatalidade, a vida possui uma dimensão de liberdade, porque não se pode viver sem decidir livremente o que se vai fazer. A vida é sempre mais ou menos nossa criação e tem em sua raiz um germe de arte. Toda arte começa aceitando uma fatalidade. O poeta aceita a fatalidade da rima e do ritmo e, concentrando-se e apoiando-se nela, cria a liberação de sua poesia. Por isso, pode-se dizer do homem em geral o que Nietzsche dizia: “O artista é o homem que dança acorrentado”. A vida é uma criação rítmica como a dança que o homem executa com a cadeia da fatalidade atada a seus pés. É preciso, porém, que haja criação; não há vida sem criação, boa ou má. O que se chama vida à deriva também é uma criação, que consiste em ter criado a anulação da própria existência. (Tomo VIII, p. 508)

**Resumo:** O presente ensaio se propõe a estudar a revolução a que José Ortega y Gasset submete a filosofia ocidental ao conceber o perspectivismo como a forma legítima do conhecimento compatível com a realidade da vida humana. A filosofia sempre investigou a origem primeira e o fim último de tudo que existe, mas jamais concebeu a vida humana como protofenômeno originário. A descoberta da vida como realidade a que tudo se re-

porta constitui a originalidade da filosofia orteguiana. Mobilizando o vigor da experiência e o rigor da consciência, o filósofo espanhol elabora o novíssimo conceito de razão vital, destinado a superar os impasses do realismo, do idealismo, do racionalismo absolutista, do relativismo cético, do positivismo e do pragmatismo. Multiforme e heterogênea, a vida requer um pensamento que não se imobilize na abstração dos conceitos, mas que se dina-

mize na fluidez do corpo movente das imagens. Perseguindo a ideia central de perspectiva, em suas várias modulações, ao longo de toda a obra orteguiana, este trabalho ainda explicita o fecundo diálogo que ela trava com a relatividade de Einstein.

**Abstract:** *The present essay proposes to study the revolution to which José Ortega y Gasset subjects Occidental philosophy when he conceives perspectivism as the legitimate and sole form of knowledge compatible with the reality of human life. Philosophy has always investigated the first origin and the ultimate end of every existing thing, but has never conceived human life as a proto-phenomenon. The discovery of life as the*

*core reality to which everything is reported constitutes the originality of the Orteguian philosophy. Matching the vigour of experience with the rigor of conscience, the Spanish philosopher elaborates the novel concept of vital reason with the intention of overcoming the impasses of realism, idealism, absolute rationalism, sceptic relativism, positivism and pragmatism. Life, in its multitudinous heterogeneity, rejects the vacuity of abstractions; it requires instead a supple and dynamic thinking that befits the mobile body of images Pursuing the central notion of perspective, in all its modulations, throughout Ortega's work, this essay takes as its final task to elucidate the fruitful dialogue the philosopher entertains with Einstein's relativity.*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JULIÁN MARÍAS. *José Ortega y Gasset. Circumstance and Vocation*. Norman: University of Oklahoma Press, 1970.
- ORTEGA E GASSET, José. *Obras Completas*. Madrid: Revista de Occidente, 1. ed., Tomos I e II, 1946.
- ORTEGA E GASSET, José. *Obras Completas*. Madrid: Revista de Occidente, 1. ed., Tomos III, IV, V e VI, 1947.
- ORTEGA Y GASSET, José. *Obras Completas*. Madrid: Taurus-Fundación José Ortega y Gasset, Tomo VIII, 2008.
- RODRÍGUEZ HUÉSCAR, Antonio. *Perspectiva y Verdad. El Problema de la Verdad en Ortega*. Madrid: Ediciones de la Revista de Occidente, 1966.